

MAPA POÉTICO DAS PAREDES/PELES DA COSTA DOCE

CARLA BORIN MOURA¹; EDUARDA GONÇALVES²

¹UFPel – carlaborinmoura@yahoo.com.br

²UFPel – dudagon@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta as investigações do projeto de pesquisa desenvolvido no Curso de Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel, na linha Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, vinculado ao Grupo de Pesquisa Deslocamentos Observâncias e Cartografias Contemporâneas – DESLOCC (CNPq/UFPel). Venho produzindo uma série de fotografias, mapas e objetos que revelam a concepção e algumas transformações da paisagem na cidade de Pelotas. As imagens são captadas no ato de caminhar pela cidade e seus arredores, promovendo um estado de observação e atenção aos aspectos e patologias que sofrem as paredes das casas, promovidas pela umidade característica da região Sul. As caminhadas, também me fornecem subsídios para o pensamento de novas possibilidades de apresentação desses descascados, que chamo de parede/peles, promovendo um olhar para os pormenores da nossa cidade e para o cotidiano.

2. METODOLOGIA

Utilizo como parâmetros metodológicos para essa pesquisa em andamento, as noções de pesquisa em poéticas visuais desenvolvidas por Sandra Rey (2002) onde o artista-pesquisador constrói o seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que desenvolve a sua pesquisa. Traço uma cartografia das paredes/peles da Costa Doce, segundo Virgínia Kastrup (2010) a cartografia é um método que foi formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) para acompanhar um processo, e não representar um objeto, inteiramente voltado para uma experimentação do pensamento ancorado no real (KASTRUP, 2010), proponho no primeiro momento um processo de criação que acontece a partir das caminhadas pelas ruas da cidade de Pelotas, coletando imagens, por meio de fotografias das paredes das casas, que descascadas promovem a construção de um pensamento voltado às transformações da paisagem.

Durante as caminhadas pela cidade percebi uma particularidade da Costa Doce, mas especificamente da cidade de Pelotas: as maioria das casas da cidade, principalmente as mais próximas da localidade da zona do Porto, casas que se localizam à beira do canal São Gonçalo, são extremamente marcadas pela umidade, existente e persistente em Pelotas, na região Sul do Rio Grande do Sul. Esta particularidade está listada como uma das “Patologias Construtivas” existentes na cidade de Pelotas. O termo “Patologia Construtiva” é usado por Ricardo Curi Terra em sua dissertação de mestrado defendida em 2011 na UFRGS/RS, é o estudo dos problemas que aparecem em construções, seus sintomas, suas causas e suas soluções. Nesse sentido a umidade é um dos fatores que colaboram para o descolamento dos revestimentos externo das

¹ Bolsista Capes

casas, outros, como a utilização de materiais cada vez mais inorgânicos que acabam por tornar as tintas das paredes cada vez mais resistente, não deixando as paredes respirarem, acabam por colaborar para a deteriorização das fachadas das casas da Costa Doce. As lesões mais frequentes apresentadas nas paredes das casas são: “as fissuras, os descolamentos, as degradações do aspecto devida a eflorescências, manchas de sujeira e vegetação parasitária” (TERRA, 2011,p. 44).

O processo de instauração do meu trabalho artístico acontece no deslocamento do olhar para os trajetos e as coisas convencionais, na desaceleração desse olhar, que observa a paisagem, suas patologias e no modo como isso pode ser absorvido e ressignificado por mim, por meio de fotografia, de gravuras, desenhos e mapas. O espaço da cidade passa a ser o meu ateliê através das caminhadas, atribuindo-lhes um valor de verdade ou valor cognitivo. A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam de conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. (Certeau, 2011, p. 166).

Nas caminhadas coletei imagens de paredes descascadas, em decomposição, descamada, que evidencia as marcas, os sinais do tempo (Fig.1), onde os pequenos pedaços de sua casca caem, parecendo uma pele, que seca, que descasca, que resseca e que se esvai.



Figura 1. Carla Borin. Série “Paredes/Peles”. Fotografia Digital, 2016.

Os descascados de tinta de massa acrílica da construção, as camadas expostas de tintas nas paredes são como peles, segundo a definição do austríaco Friedensreich Hundertwasser “as peles são envelopes do corporal, delimitadores de um espaço do corpo habitado por forças e intensidades” (in FONSECA,2013,p.254). Descoladas, as paredes revelam as patologias construtivas causadas pelo tempo que através das intemperes de uma cidade úmida as transforma, dando a ver uma paisagem/pele, descamada, esfolada, produzindo uma marca, uma cicatriz nas paredes das casas.

A partir dessa experiência com as paredes/peles, descascadas, comecei um trabalho de cultivo e coleta dessas “peles”, chamo de pele os fragmentos de tinta que descolam das paredes. Algumas “peles” das paredes caem sozinhas, outros fragmentos delas são cultivados por mim. Identifico um lugar com mofo e que está começando a descascar na parede em minha casa. Faço a limpeza da

parede com pano úmido com toda a delicadeza para ela não esfarelar e começo o processo que chamo de cultivo. Esse cultivo é feito através de umidade forjada, pois molho a parede com um borrifador durante o tempo necessário para a tinta da parede descolar totalmente. Escolhi para o primeiro cultivo uma parede interna da minha casa, mais especificamente no meu quarto, notei uma saliência na minha parede e comecei o processo de cultivo. No primeiro instante o cultivo da “parede/pele” é um trabalho de observação, onde a lentidão e a demora são os fatores que norteiam. A “parede/pele” do meu quarto levou 2 meses para ficar no estágio necessário para o descolamento. Depois de descoladas e preparadas (Fig.2) com uma base acrílica para não quebrarem, as peles são mapeadas no seu avesso, formando um território mapeado por mim, através das marcas que se formam no avesso das peles.



Figura 2. Carla Borin, Parede/pele, 60cmX32cm, 2015.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Proponho um novo modo de olhar para a cidade com suas camadas superpostas, com suas patologias, cicatrizes e transformações da matéria. Uma atenção voltada às intempéries do tempo, buscada através da experiência com o espaço e a capacidade de poder gerar novos sentidos, novos enquadramentos aos percursos e à paisagem as Costa Doce. Caminhando é que traço os percursos diários e escape das práticas burocráticas do ir e vir na cidade, e da anestesia que somos submetidos pelo sistema de consumo e pelo mundo funcional. Uma excursão, um estado de errância enquanto tática para desviar da recepção passiva e com isso promover um outro modo de ver e se relacionar com a cidade, através de ato de deslocar-me pela cidade e atentar as suas transformações. “O espaço se torna lugar através da ação de um sujeito que produz a história e relações sociais do lugar, através do ato de praticar o espaço, ou seja, torná-lo singular” (CERTEAU, 2011, p 183).

A partir da prática do espaço cotidiano e da captura de imagens das paredes das casas, apresentando uma paisagem que não é a tradicional a que estamos acostumados a ver da cidade, nos cartões postais, mas sim de uma paisagem esfolada, mofada e descascada é que começo a captura das minhas peles da cidade de Pelotas e seus arredores. A cidade, nessa pesquisa, aparece como espaço do percebido, da impressão imediata, do entendido e que ao

mesmo tempo é o espaço das representações, das relações e do imaginário. Nesse sentido, a cidade é pensada não como conceito geográfico, mas como símbolo complexo e inesgotável da existência humana" (FONSECA, 2003, p. 256), onde o sujeito e suas relações com o espaço é que conduzem as prospecções e interlocuções.

4. CONCLUSÕES

Ao captar com a fotografia ou através do cultivo das paredes/peles apenas uma parte da superfície que recobre as paredes, acredito instaurar um outro território, aquele agenciado pelo olhar, atravessado pela experiência com os elementos que compõe de maneira quase invisível o lugar e as coisas de uma urbe que atravessamos correndo, dando a ver a complexidade que é possível encontrar no banal. Investindo nas convergências e trânsitos relacionados a imersão, ao olhar atento ao entorno e nas possibilidades de relacionar e pensar os trabalhos, utilizando o espaço como uma janela da percepção, ativando-o e criando possíveis deslocamentos através do sujeito que o habita e da experiência agenciada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, M. **A Invenção Do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis: RJ, Vozes, 2011.

FONSECA, T.M.G. A Cidade Subjetiva. In: FONSECA, T.M.G; KIRST, P.G. (Org) **Cartografias e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. Parte III, p.253-257.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade/orgs. Porto Alegre, Sulina, 2010.

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: TESSLER, E; BRITES, B. (Org). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.123-140.

TERRA, R.C. **Levantamento de Manifestações patológicas em revestimentos de fachadas das edificações da cidade de Pelotas**. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil). Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. UFRGS, Porto Alegre, 2011.